

# Redação, Correção, Avaliação & Outras Rimas Polêmicas<sup>1</sup>

Marisa Lajolo<sup>2</sup>

O senhor também diria que é possível programar um computador a tornar-se um Proust ou um Leonardo da Vinci?

Se se entender por isso: “um conjunto de programas de computador dotado de um vasto banco de dados poderia, em princípio, realizar esse tipo de trabalho? “a minha resposta é sim. Mas se se trata de realizá-lo de fato, a minha resposta é não. Não seria jamais de nosso interesse criar um computador “proustiano”: programas como esse são muito difíceis de calcular, são, portanto, muito dispendiosos. Os seres humanos são criadores bem melhores nesse estilo “proustiano” do que as máquinas. Não nos daremos ao trabalho de “criar” um Proust<sup>3</sup>.

Discutindo sobre redação, avaliação & outras rimas polêmicas com meus botões, informei-os de que muita gente era contrária a corrigir redações de alunos, mas eles se manifestaram francamente favoráveis a correção & nota, argumentando que concordância e ortografia valem tanto quanto idéias e criatividade. Chegaram a corar de indignação quando eu contei de professores que acreditam que rabiscar de vermelho a redação do aluno tolhe a criatividade.... aí eles se indignaram prá valer e declararam que o lápis não tinha de ser vermelho, mas até podia...: Aliás, segundo meus botões, o lápis do corretor podia ser vermelho... azul... verde ou roxo, desde que de cor diferente daquela com que o aluno escreveu o texto.

Vou debulhar os palpites de meus botões em *comos* e *porquês*, abandonando temporariamente o recinto da escola, para depois retornar a ela, tendo já amarrada a discussão de redação & avaliação no fato de que hoje muitos textos são escritos a partir de redatores de texto, que quase sempre incluem um programa com o qual o usuário pode conferir ortografia & gramática do texto produzido, sem falar na lambuja dos sinônimos do *Thesaurus*, disponíveis na ponta do dedo. Temo que talvez alguns leitores destas mal traçadas, independentemente de estarem ou não familiarizados com computadores, não os

apreciem: para alguns ranzinzas, qualquer máquina mais complexa que um liquidificador é uma ameaça que cega os olhos e ensurdece os ouvidos para o que quer que possa haver de instigante nas formas pelas quais o ser humano estende e multiplica sua capacidade de ação.

Mas, *botão botões, questão de opiniões*, é o que diz mais ou menos Riobaldo, a quem peço licença para recorrer aos computadores para discutir prosaicos assuntos de lápis & papel, enquanto peço perdão aos computadores e seus experts por reduzi-los, nesta conversa de botões, à (modesta?) dimensão de simuladores de linguagem e auxiliares da escrita.

Muito embora computadores sejam, obviamente, muito mais do que máquinas de escrever e de calcular, é no desempenho destas humildes (??) funções que muitos de nós travamos contacto com eles. Mas mesmo este contacto epidérmico parece longe de ser indolor... No caso de profissionais da pena, muitos dos que estão na ativa encaram o computador com o mesmo espanto incrédulo e desconfiado com que, nos anos sessenta, vimos a primeira descida na lua. Com a agravante de que quem desceu na Lua era um *eles* distante, que no máximo invadia a sala na (então azulada) telinha da TV... e o computador, que nos aguarda na esquina (e até no telefone) de

<sup>1</sup> Publicado, numa versão anterior, em dezembro de 1993 apud *Educação e avaliação* (série *Educação para a Cidadania* [108]: Coleção Documentos. Instituto de Estudos Avançados. USP. p. 40-9.

<sup>2</sup> Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP - 13084-111 - Campinas - Estado de São Paulo - Brasil.

<sup>3</sup> Pessis-Pasternak, Guitta. *Do caos à inteligência artificial*: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 219. (Biblioteca Básica).

cada banco automático, pode agora intrometer-se em nossas relações mais íntimas com o papel em branco...

Será que sobreviveremos ? *Você é duro, José*, retrucam meus drummondianos botões, lembrando que sobreviveu-se à substituição da pena - mesmo já transubstanciada numa prosaica esferográfica - por máquinas de escrever, primeiro exclusivamente mecânicas, depois elétricas/eletrônicas, mais tarde auto-corretoras... por que, pois, achar que se vai sucumbir agora...? Logo agora que a festa começa, já que com a informatização se pode ter uma extensão objetificada de certos traços e potencialidades fundamentais da linguagem humana que, na era pré-computador, talvez não ficassem tão explícitos para o comum dos mortais, pois não se exteriorizavam: limitavam-se a ocorrer dentro da cabeça do escriba.

Tenho para mim (e meus botões aplaudem muito a idéia ! ) que um redator de textos é um simulador de linguagens (porque otimiza a performance da escrita) que mimetiza procedimentos de uso das línguas naturais. Um dos traços mimetizados que deslumbra de imediato seus usuários é a encenação da mobilidade e da infinita capacidade de refacção do texto. Talvez por isso ele provoque abismos de amor e ódio e seu agente, o micro, seja referido em conversas de iniciados em um tom muito próximo daquele com que outros povos referem-se a seus deuses maiores.

Mas se o computador é, em muitas medidas, extensor e intensificador da capacidade lingüística do ser humano e por isso catalizador de arruobos de atração e repulsa, ele passa também por um outro processo de humanização, mais sutil, e que se perfaz pela linguagem de que se dispõe para falar dele, que recorre a um vocabulário emprestado de velhas conversas sobre gente de carne e osso: o computador já foi chamado de *cérebro* eletrônico, é em torno dele que se discutem questões de *inteligência* artificial, fala-se da sua *memória* e ele é, como nós, muito frágil a certos *vírus* ! Contaminado, assim, da humanidade que respinga de tais expressões, é como *simulacro* nosso que ele mais tem condições de ativar nosso amor e nosso medo, respostas que não escapam à melhor nem à pior ficção científica pois se alimentam ambas deste imaginário contraditório.

De todo o vocabulário de recorte antropomórfico que circunda o computador, *inteligência artificial* merece um olhar mais detido. *Inteligência artificial* é produto sonhado por pesquisadores que tentam conseguir que algumas máquinas, a partir de alguns comandos, respondam autonomamente a situações novas adaptando-se ao *novo* mais ou menos como a ele se adaptam os naturalmente inteligentes bípedes implumes.

Uma das capacidades humanas mais intimamente vinculada à inteligência consiste na capacidade de uso da linguagem: qualquer ser humano, de qualquer recanto do planeta, sem nenhuma instrução formal, é capaz de dominar

uma língua. Aliás, é capaz de dominar *muitas e quaisquer* línguas... Basta, para isso, viver em qualquer das coletividades que, ao longo dos milênios da história humana falavam e/ou continuam falando línguas distintas e até estranhíssimas... Entendemo-nos ou desentendemo-nos pela faculdade - de que fomos dotados ao nascer e que refinamos ao longo da vida - tanto de produzir e reforçar uns significados, quanto de desabilitar e re-sinalizar outros, fazendo da linguagem um dos muitos instrumentos de que nos valem para sobrevivência no mundo.

Essa inteligência que se inscreve na linguagem, e que através dela se amplia ou se encolhe, é uma das faculdades humanas sobre a qual mais se tem especulado. À linguagem - sobretudo à linguagem verbal - têm sido atribuídos diferentes poderes, da comunicação direta com os deuses à fala terapêutica da psicanálise, à fala ritual dos sacerdotes e juízes e, inclusive, aos escritos jurídicos que atestam a propriedade.

Assim, a centralidade das questões de linguagem na vida humana e social sugere que se poderiam medir projetos voltados para o desenvolvimento da inteligência artificial pela acuidade e sensibilidade com que tais projetos conseguem que máquinas manifestem comportamentos lingüísticos que mais se aproximem dos usos *efetivos* da linguagem verbal. O que, até um certo nível, já fazem os redatores de texto e seus anexos corretores de ortografia e gramática.

A questão é saber *qual é o certo nível* acima aludido. Qual é ? Talvez o identifiquemos corrigindo e avaliando o que avaliam e corrigem corretores ortográficos e gramaticais...

Corretores ortográficos e gramaticais de diferentes redatores de texto são programas que, com maior ou menor sofisticação foram compostos para apontar segmentos de texto onde *talvez* ocorram problemas: competência útil e digna, que evoca o lápis vermelho com que dona Célia, minha professora de português no ginásio e no clássico, assinalava nossos tropeços e trapaças.

É, então, pelo risco do lápis vermelho de dona Célia, que retornamos ao recinto escolar, anunciado nos parágrafos iniciais deste texto.

Nenhum corretor gramatical manifesta a assertividade e eficiência da minha mestra dona Célia, que com seu gordo lápis vermelho (acho que a outra ponta era azul...) apontava, corrigia e considerava na nota deslizes de ortografia, de concordância e de regência. Dona Célia tinha certeza dos padrões de escrita que esperava que seus alunos dominassem e não hesitava entre *certos* e *errados*.

Ela não pestanejaria, por exemplo, em usar com prodigalidade seu lápis vermelho em nenhum dos três textos abaixo:

(a) Dezenhavamos grossas sombrançelhas nos paçarinhos de porcelana que adornavam o corre-mão da escada.

(b) Pelo relato do secretário, ficou claro que naquela reunião haviam muito ex-alunos.

(c) Jamais encontrou-se quem fala-se disso sem se comover-se até as lágrimas.

(a), (b) e (c) constituíam, para dona Célia, formas inaceitáveis de linguagem escrita em situações formais, sendo que para ela *todas* as situações escritas eram formais e, portanto, candidatas a correções, na realidade reescrituras, em nome do que seu lápis vermelho escrevia nas margens correspondentes:

(a') Desenhávamos grossas sobranças nos passarinhos de porcelana que adornavam o corrimão da escada.

(b') Pelo relato do secretário, ficou claro que naquela reunião havia muitos alunos,

(c') Jamais se encontrou quem falasse disso sem comover-se até as lágrimas.

Os mesmos segmentos nos quais o lápis vermelho de dona Célia não hesitava em seu trabalho de saneamento textual, suscitariam de um computador respostas muito diferentes. Mesmo que detectando uma possível impropriedade ortográfica em *paçarinho*, ele tomaria o cuidado de admitir, por hipótese, que aquilo a que eu queria me referir quando escrevia *paçarinho* tanto podia ser *passarinho* como *paladino*, não descartando, porém e ainda, a hipótese de que eu quisesse - por insondáveis razões de escritor! - escrever mesmo *paçarinho*, seqüência gráfica inexistente nas circunvoluções de seu winchester... Por isso, ele deixava sempre em aberto a hipótese de que eu descartasse todas as sugestões por ele apresentadas e mais ainda: com a superioridade das inteligências naturais eu ainda podia obrigá-lo a registrar em sua falsa memória a seqüência *paçarinho*, para que ele aprendesse com quem estava *falando*....

Meus botões começam a encolher-se ao perceberem, antes mesmo que eu a proclame, a superioridade de dona Célia, que impunha com a sem cerimônia do lápis vermelho suas certezas sobre minhas ignorâncias, ao passo que o computador recobre a ignorância dele, com a minha liberdade de sujeito da língua ao qual cabe, sempre, a decisão final.

Nessas fronteiras de decisão do computador, nos acanhados limites de seus corretores ortográficos, começamos a ver os limites de sua *uhmm...uhmmm inteligência*, vá lá, *indóceis botões*... A estreiteza dos limites se confirma e até se amplia quando passamos, do uso de um corretor *ortográfico* para o uso de um *corretor gramatical*<sup>4</sup>.

Face a face com o herético:

(b) Pelo relato do secretário, ficou claro que naquela reunião haviam muito ex-alunos.

O computador me informaria num tom gentilmente descomprometido **que o verbo**

**haver, com sentido de existir costuma ser impessoal, mantendo-se, portanto, no singular, mesmo quando o ser cuja existência ele postula encontra-se no plural.** Mas deixaria, é claro, por minha conta, seguir ou não seu palpite: como se ele agora *soubesse* com quem está falando!

Mas o tempo esquenta de verdade quando, suponhamos, algumas linhas abaixo do mesmo trecho, um segmento como

d) *Apesar da exiguidade do tempo, eles se haviam saído muito bem na prova,*

suscitaria de meu solícito corretor gramatical repetição da mesma observação, segundo a qual **o verbo haver, com sentido de existir costuma ser impessoal mantendo-se, portanto, no singular mesmo quando o ser cuja existência ele postula encontra-se no plural**, tropeço em que dona Célia jamais incorreria, pois ela & seu lápis vermelho sabiam muito bem que em (d) *haver* era *verbo* auxiliar, não se configurando, pois, a tão insistentemente brandida impessoalidade.

Mas por que um computador não aprende isso?

Pela mesma razão pela qual ele, também ao contrário de dona Célia, não consegue lidar com acentos diferenciais, isto é, com os acentos que distinguem e de é, lá de lã, dó de dô e ambos de do

Neste impasse flagramos uma diferença fundamental entre meu computador querido e minha amada Mestra: não se conhece, até agora, programação capaz de fazer um computador operar com contextos, o que talvez indique um primeiro sintoma dos limites da inteligência artificial na construção de comportamentos lingüisticamente inteligentes. É-lhe vedada a capacidade de interpretar o peso do contexto, essencial para cada uma das quase infinitas decisões que o falante vai fazendo enquanto fala; e, mais ainda: a máquina não consegue sequer estabelecer *qual* o contexto a partir do qual tais decisões tem de ser feitas...

Posto isso, reavalie-se o lápis de Dona Célia: a gentileza polida com que o computador me interpela relativamente a minhas práticas lingüísticas não tem nada a ver com qualquer hipotética tolerância vernacular dele face a meus usos lingüísticos: é, antes, sinal dos *limites de sua programação*, o que aponta para nossa incompetência em programá-lo, incompetência esta que, por sua vez, reflete os limites do conhecimento disponível relativamente aos mecanismos de uso das línguas naturais por pessoas igualmente naturais.

A que operações mentais corresponde *entender* o que *nos dizem*? Que outras operações cognitivas praticamos quando *estamos lendo*? E quando *estamos escrevendo*? Certas áreas das ciências da cognição dedicam-se a tais questões e, inclusive, afinam-nas e modulam-

<sup>4</sup> Os exemplos que discuto são adaptações minhas de *grammar checkers* comerciais disponíveis para língua inglesa. Particularmente, o Grammar IV e o comando Grammar do Word for Windows 2.0.

nas. E até já produziram algumas respostas, muitas das quais são as bases que permitiram a construção dos corretores ortográficos & gramaticais de que dispomos hoje. Em função de tais estudos, alguns pesquisadores, de forma muito convincente, sugerem medidas para avaliar tanto a competência de leitores, quanto a legibilidade de textos escritos.

Certas pesquisas têm por hipótese que leitor competente é *aquele que dá conta de fragmentos maiores do texto que está lendo enquanto está lendo*, portanto, *aquele que processa informação com mais rapidez, reorientando constantemente as hipóteses de significado que estabelece, re-estabelece, testa, confirma ou refaz...* E têm também por hipótese que a legibilidade de um texto, a ser assinalada ao longo de uma escala, *depende, por exemplo, da incidência maior ou menor de voz passiva, da média de sentenças por parágrafo e de palavras por sentença*<sup>5</sup>.

No que os meus botões parecem acreditar piamente, os crédulos.. e o que, de novo traz dona Célia para o centro do palco, e com placar francamente favorável.

Pois as limitações contemporâneas para montagem de programas que permitam a um redator de texto corrigir acentuação gráfica, apontam para a centralidade de questões contextuais e redimensionam a velha questão da correção da redação dos aprendizes da escrita. A eficiência da comunicação de um texto escrito - *com o que a escola precisa estar radicalmente comprometida* supõe muito mais do que o uso de um mesmo código, indo além da concretude física dos sons, sinais gráficos e convenções de combinação de sons sinais; supõe iniciação nas práticas discursivas nas quais a concretude física do som e do sinal gráfico + suas combinações ganham significado.

Estas práticas discursivas, por se textualizarem em instâncias mais complexas que a oração, o período ou o parágrafo, parecem escapar às oposições binárias que constituem (por enquanto) os limites em que operam micros, por mais *macro* que sejam suas entranhas. E que por constituírem os domínios lingüísticos nos quais donas Célías - e todos nós - reinam soberanas, são as instâncias sobre as quais devem incidir as atividades de correção e avaliação, práticas pedagógicas essenciais para que mestres e aprendizes, sinalizando e analisando o caminho já percorrido possam, com mais segurança, estabelecer roteiros para os restantes percursos.

No entanto, se os tropeços de meu micro parecem ter servido até agora para apontar tudo o que ele **não** pode fazer, e só as donas Célías podem, com seus gordos lápis coloridos, importa agora observar tudo o que ele *faz*, tal e qual e às vezes melhor do que dona Célia. Ele, por exemplo, não está sujeito a entediar-se e perder a paciência por ter de avisar incontáveis vezes que *paçarinho* talvez devesse ser *passarinho...* Em todas as inumeráveis vezes que a expressão surgir no texto, ele continuará deixando o usuário livre para mostrar a língua... De que Dona Célia se pode exigir tanta santidade ?

Graças a Deus de nenhuma...

O que significa que talvez tenhamos muitas coisas a aprender com os redatores de texto. Começando por aprender a usá-los, talvez refinemos um pouco nossas discussões (e práticas...) de avaliação de textos. Podemos aprender com eles, por exemplo, que existe u ma larga dose disponível de conhecimento sobre diferentes operações de linguagem, e que este conhecimento está formalizado de forma adequada para constituir bancos de dados que permitem a um computador identificar ocorrências eventualmente problemáticas de um texto.

E este conhecimento, sem dúvida, pode ser transmitido ao aluno, desde que seja do domínio do professor. Em outra situação educacional, vários níveis de avaliação da performance da escrita poderiam ficar por conta de computadores, reservando-se os professores de carne e osso e lápis vermelho na mão, para o que, (*por enquanto, apenas por enquanto, espermeiam meus botões!*) está além da competência destes senhores de silício & plástico tão poderosos, mas ao mesmo tempo tão desaparelhados para operarem com tudo o que, relacionando-se com o contexto, confere coesão e coerência ao texto; ou seja, com tudo aquilo que continua - e talvez ainda continue por algum tempo - a ser privilégio de inteligências naturais de homens e mulheres de carne o osso mesmo que, ao invés de brandirem um lápis vermelho com a outra ponta azul, escrevam num teclado e leiam num monitor.

<sup>5</sup> Vale a pena, aqui, observar a escala de legibilidade a partir da qual o Word for Windows 2.0 classifica textos em inglês.

---

**Bibliografia**

---

01. BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.
02. CONKLIN, Jeff. Hypertext: an introduction and survey apud computer supported cooperative work: a book of readings. Morgan Kauffman Publishers, s.d. p. 423-75.
03. DE ROSE, Steven et al. What is text really? Journal of Computing in Higher Education, v. 1, n. 2, p. 3-26, 1990.
04. ECO, Umberto. L'ordinateur est proustien, spirituel et masturbatoire. Le nouvel Observateur, p. 14-7.
05. GONICK, Larry. Introdução ilustrada à computação (com muito humor). São Paulo: Harbra, 1988.
06. GRAMATIK IV The easiest way to improve your writing: user's guide. s.l.: Reference Software International, 1990.
07. KATO, Mary. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1989.
08. KLEIMAN, Ângela. Leitura (ensino e pesquisa). Campinas: Pontes, 1989.
09. KOCH, Ingedore Villaça. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 1992.
10. LANDOW, George P. Hypertext (the convergence of contemporary critical theory and technology). s.l.: John Hopkins University, 1993.
11. MICROSOFT. Word for windows: user's guide. (concerning computers, minds and the laws of physics) Oxford: Oxford University, 1990.
13. PESSIS-PASTERNAK, Guitta. Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 219. (Biblioteca Básica).
14. SPIRO, Rand; Bruce Bertran; Brewer, W. Theoretical issues in reading comprehension (perspectives from cognitive psychology, linguistics, artificial intelligence & education). New Jersey: Publ. Hillsdale, 1980.